

# I

## O último fôlego

**E**m Abril de 1908, morto o Rei D. Carlos, exilado João Franco e reinstaurada a Acalmação, o Directório do Partido Republicano Português hesitava.

Os «*jarrões*» moderados, com Bernardino Machado à cabeça, esfregavam numa barrela enérgica a nódoa de sangue com que o radicalismo carbonário os salpicara, na tarde de 1 de Fevereiro de 1908, no Terreiro do Paço. Embora sem responsabilidade própria no regicídio, sobre eles recaíam suspeitas e insinuações que lhes manchavam a honorabilidade social e política e lhes desacreditavam o Partido como alternativa respeitável de poder. Receavam, com alguma lógica, a hostilidade do país rural e a reacção nas chancelarias europeias, em especial em Inglaterra, cujo Rei se encontrava tão fortemente ligado à Casa de Bragança. Mas, por mais que a esfregassem, a nódoa não desaparecia: a Imprensa *talassa* e os panfletos que então voavam pelas ruas de Lisboa e Porto insistiam em crucificar os republicanos, culpando-os inicialmente pelo próprio atentado e passando depois a responsabilizá-los pelo «*clima*» que o permitira e precipitara. A todo este cenário hostil juntara-se a natureza inibitória e desarmante da política «*de acalmação*» por que D. Manuel optara, e que parecia esvaziar uma boa parte da reivindicação republicana. Com o país ainda estupefacto perante o assassinato do Soberano e do Herdeiro, com Londres enviando mensagens inequívocas de protecção ao Trono português, com a política interna direccionada para o liberalismo – tudo aconselhava ao Partido Republicano uma pausa de cautela.

